

CONVERSA BREVE

TUDO É IMPORTANTE

“Pouca gente conhece a importância da boa execução das coisas mínimas.

Há homens que, com falsa superioridade, zombam das tarefas humildes, como se não fossem imprescindíveis ao êxito dos trabalhos de maior envergadura.

Um sábio não poderá esquecer que, um dia, necessitou aprender com as letras simples do alfabeto.

Além disso nenhuma obra poderá ser perfeita, se os detalhes não foram considerados e compreendidos.

De um modo geral, o homem está sempre atarefado com as situações de grande evidência, com os destinos dramáticos e empolgantes.

Destacar-se, entretanto, exige sempre muitos cuidados.

Os espinhos também se destacam, as pedras salientam-se na estrada comum.

Convirá, desse modo, atender-se a todas as coisas mínimas da senda que Deus nos reservou, para que nossa ação se destaque com real proveito à vida.

A sinfonia estará perturbada, se faltou uma nota, o poema é confuso quando se omite um verso.

Cuidemos das coisas pequeninas. Elas são parte integrante e inalienável dos grandes feitos.

Compreendendo a importância disso, nos interroga o Evangelho de Lucas:

“Pois se nem podeis ainda com as coisas mínimas, porque estais ansiosos pelas outras?”.

Nesta mensagem de Emmanuel, por F.C. Xavier, nossa sugestão para sua reflexão.

A EQUIPE

MEDIUNIDADE E SEU DESENVOLVIMENTO

Américo Fernandes

- Maíra, eu preciso falar com você, perdoe-me se vou ocupar o seu precioso tempo com meus problemas - falou Ivete.

- Tudo bem!... Vamos conversar, sim - respondeu Maíra, colocando a amiga à vontade para falar sem constrangimento.

Eram amigas desde longa data; trabalharam juntas como caixas em um supermercado, ocasião em que se conheceram. Apreciavam trocar experiências, abordando assuntos do interesse das duas, buscando soluções adequadas para os intrincados problemas da vida. Nesta altura, Ivete, retomando a palavra, perguntou:

- Eu fiquei sabendo que todas as pessoas são médiuns, é verdade?

- É verdade!

- Que medo!... Só de pensar já estou arrepiada!

- Não tenha receio. A mediunidade é comum a todas as criaturas, porém é necessário que se esclareça que há mediunidade sutil e de tarefa. Os artistas são médiuns, desconhecendo a faculdade que possuem.

- Como assim?... Estou ficando confusa.

- Você sabe que os Espíritos estão por toda parte. O Espírito da Verdade disse a Allan Kardec, que os Espíritos atuam na nossa vida, muito mais do que supomos (O LIVRO DOS ESPIRITOS, questão número 459). Quantas vezes, ao pretender fazer algo, verificamos a dificuldade de logarmos êxito, porém, logo após, uma entidade espiritual que conhece a nossa deficiência se aproxima de nós e passa a nos auxiliar, através da intuição. Assim, depois de concluído o trabalho, temos esta expressão: Veja só como foi fácil e ficou tão bonito! Jamais pensei que pudesse conseguir! Aí está bem configurada a interferência de alguém do âmbito espiritual. A pessoa foi auxiliada, é médium, desconhecendo o dom que possui - argumentou Maíra.

- Eu já vivi uma experiência semelhante a essa. Certa vez eu me propus a escrever uma carta a uma mulher bastante enferma, recolhida à enfermaria de um hospital situado numa cidade bem distante da minha. Disseram-me que a doente não recebia visi-

tas, o que, de certo modo, aumentava o seu padecimento. Então, apanhei uma folha de papel e procurei redigir algumas linhas, confortando a doente. Maíra, fiquei assim sem saber o que escrever, por algum tempo, totalmente perdida. Os pensamentos não fluíam. O que estaria acontecendo? Qual não foi a minha surpresa, quando, de um momento para outro, a coisa se tornou fácil demais. Os meus pensamentos tornaram-se lúcidos, fluíam com tanta rapidez e facilidade que a carta ficou muito melhor do que eu imaginava escrever; precisei, inclusive, providenciar mais duas folhas de papel. A carta ficou ótima! Após duas semanas a enferma obteve alta hospitalar, escrevendo-me agradecida. Jamais havia pensado em ser útil a alguém daquela forma. Nesse caso só posso admitir a ajuda do Plano Espiritual, naquele momento; um Espírito amigo, notando a minha dificuldade, veio em meu socorro, auxiliando-me a redigir a missiva à pessoa enferma.

- A mediunidade requer, então, aprendizado? - indagou Ivete, interessada no assunto.

- Exato! O que ocorre com os alunos de Medicina, de Direito, de Engenharia, etc., que têm necessidade de se preparar para bem cumprir a profissão que escolheram. O mesmo acontece com os candidatos a

médiuns; toma-se indispensável um aprendizado com base no conhecimento da mediunidade e na vivência evangélica - respondeu Maíra.

- Quanta coisa importante estou aprendendo hoje! - exclamou Ivete, jubilosa.

- Certos sintomas podem anunciar mediunidade, como sejam: desmaios, taquicardia, sono demasiadamente profundo, sensações de não estar só, adormecimento, arrepios, idéias estranhas, etc. Entretanto, esses sintomas também poderão ter a sua gênese unicamente no vaso fisiológico ou resultado de criações mentais.

- Exemplifique, por favor.

- A **taquicardia** pode resultar de problemas cardíacos; **desmaios**, fraqueza física; **sono profundo**, noite mal dormida ou má digestão; **arrepios**, estado febril, etc. A mediunidade, Ivete, para produzir frutos sazonados, precisa ser cuidada com muita atenção, com a conscientização do mediano a respeito do dever a cumprir. Jamais olvidar a pontualidade, a assiduidade, a boa vontade que o labor exige, aliadas ao estudo sistemático da faculdade, consultando sempre **O LIVRO DOS MÉDIUNS**. Outro fator relevante é o de

nutrir o desejo sincero de trabalhar desinteressadamente na seara do Cristo, em favor do bem-estar alheio.

- Diga mais alguma coisa sobre o desenvolvimento mediúnico.

- O correto desenvolvimento mediúnico depende de três fatores primordiais, quais sejam: **primeiro**, conhecimento da tarefa a que se propõe realizar; **segundo**, reforma íntima, com a eliminação das mazelas morais e, conseqüentemente, conquistando as virtudes cristãs; **terceiro**, exercício correto, disciplinado, vontade de servir, abnegadamente. Assim, o desempenho da mediunidade só poderá trazer elevados júbilos espirituais - acrescentou Maíra.

- A conversa foi bem proveitosa; estou satisfeita. Agora, eu tenho que ir. Os deveres me chamam. Obrigada por tudo.

- Volte sempre que quiser. O prazer é meu! A seguir, as duas amigas despediram-se, fraternalmente.

No olhar de Ivete, havia uma nova esperança de vida.

FONTE:

Américo Fernandes de Oliveira; DIÁLOGOS DO COTIDIANO; por ed.

EMMANUEL E A COMUNICAÇÃO

“Quando há compreensão recíproca, vivemos na antecâmara da ventura celeste, e, se permanecemos em desentendimento e maldade, temos o inferno vivo”.

“A voz de nossa consciência não pode concordar invariavelmente com a opinião dos melhores amigos. O dever é mais imperioso que os pressários de qualquer adivinho”.

“O fanatismo é o Amor que se petrifica”.

EVANGELHO NO LAR

Richard Simonetti

É com justa apreensão que os pais, na atualidade terrestre, encaram o futuro dos filhos, ante o panorama desolador de um mundo em crise, caracterizado pela subversão da moral, onde a rebeldia sistemática é decantada como auto-afirmação; onde o romper com elementares noções de dever e responsabilidade é ser "prá-frente", e tipos exóticos como os "hippies" são exaltados como suprema contestação de um sistema de vida, superado, à procura de uma nova filosofia existencial - estranha e contraditória filosofia - em que a promiscuidade sexual, o vício, a sujeira e a vadiagem surgem por valores de autenticidade...

Como impedir que os jovens assimilem tão perniciosos exemplos e enveredem por perigosos caminhos que deformam a personalidade, predispondo-os a incoseqüentes sementeiras de lacerantes colheitas obrigatórias?

Evitar que tenham contato com esses aspectos negativos da sociedade atual, seria, segundo a velha expressão: "tentar tapar o sol com a peneira".

Ante o extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação, o Mundo, como diz McLuhan, tornou-se uma aldeia. Vê-se tudo, sabe-se tudo, conhece-se tudo... E como a tendência humana é deter-se nos aspectos menos edificantes dos acontecimentos, somos assaltados e quase agredidos em nossa sensibilidade por jornais que dão destaque ao crime e à degradação; pelo cinema atrelado ao erotismo e à violência, que vê nos temas escabrosos e pornográficos os grandes recursos para combater a televisão que, por sua vez, invade nossos lares exaltando a mediocridade, com o sentimentalismo barato das novelas, a vulgaridade dos programas de auditório, a falta de imaginação dos produtores e os indefectíveis comerciais, cuja principal finalidade é a de nos convencerem a usar o de que não precisamos e a gostar do que não apreciamos.

Sim, o Mundo tornou-se não uma aldeia, mas uma grande taba, já que nesta época de conturbação, de esvaziamento de valores espirituais, o Homem parece haver renunciado a milhares de anos de aprendizado na escola da Evolução, deixando prevalecer em seu comportamento impulsos

primitivos que aviltam a razão.

Em defesa dos filhos, poder-se-ia falar numa disciplina rigorosa de proibições e horários, com controle sistemático de seus passos. Mas isto, ou desenvolveria neles a rebeldia, levando-os a fazer muito mais do que aquilo que se procura evitar, ou os tornaria extremamente dependentes, incapazes de se tornarem adultos e de resolverem seus próprios problemas.

Não podemos prender os jovens em casa, porque está chovendo. Melhor será dar-lhes capa e guarda-chuva. É tolice evitar que tenham contato com o mal que assola o Mundo. O essencial é prepará-los para que tenham suas próprias defesas.

Seria fácil estabelecer para os pais normas de comportamento inspiradas em Psicologia aplicada, a fim de que exerçam uma influência benéfica sobre os filhos, ajudando-os a enfrentar o Mundo.

Todavia, sabemos que é difícil para o adulto modificar sua conduta, superar certas limitações próprias de seu estágio evolutivo e o condicionamento negativo a que foi submetido em sua formação - tudo isto a refletir-se fatalmente em suas ações.

A simples enunciação destas normas não

operaria nenhum prodígio. A mudança de comportamento é lenta, laboriosa. Exige muito esforço, disciplina e, sobretudo, tempo - um tempo que os filhos não podem esperar.

Devemos, então, cogitar de recursos que, independentemente do grau de evolução ou quaisquer outros elementos condicionantes, permitem a todos, indistintamente, exercitar conduta melhor. Dentre eles situariamos como dos mais importantes o Culto do Evangelho no Lar, prática que consiste na reunião dos membros da família em determinado dia da semana, para juntos lerem e comentarem passagens evangélicas. É algo muito simples, mas que tem oferecido os melhores resultados.

O Culto do Evangelho é uma maneira de reunir a família em torno de um objetivo comum. A comunhão familiar onde todos conversam, trocam idéias, falam de seus problemas, comentam suas atividades, à luz dos ensinamentos de Jesus, representa o mais eficiente estímulo para o estreitamento das ligações afetivas, transformando o lar em porto de segurança e paz, com garantia de equilí-

brio e alegria para todos.

Ao redor da mesa, sob inspiração de singela prece, o contato com o Evangelho é um banquete de Espiritualidade. Nesses instantes, abrimos as portas de nossa casa para que Amigos Espirituais nos ofereçam bênçãos de ajuda e conforto, afastando más influências e inspirando nossos corações. Nunca, talvez, foi tão imperiosa essa visão de realidade baseada na simplicidade das expressões evangélicas. A Boa Nova é uma síntese perfeita das leis morais que regem o Universo; poesia do sublime, capaz de extasiar intelectualmente o homem de todas as classes sociais, fala sobretudo ao seu coração, convidando-o a ser filho verdadeiro de Deus... Aquele que assimila seus princípios, com a melhor didática, que é o diálogo em família, forma uma base espiritual que lhe permite sobrepor-se às influências negativas da sociedade atual, sem deixar-se envolver pela inversão de valores ou ser condicionado pela mediocridade.

FONTE

Simonetti, Richard, "TEMAS DE HOJE, PROBLEMAS DE SEMPRE", ed. Correio Fraterno

NÓS, O BEM E OS ESPÍRITOS SUPERIORES

“A fé sincera é ginástica do Espírito. Quem não a exercita de algum modo, na Terra, preferindo deliberadamente a negação injustificável, encontrar-se a mais tarde sem movimento”.

“A mulher grávida, além da prestação de serviço orgânico à entidade que se reencarna, é igualmente estrangida a suportar-lhe o contato espiritual, que sempre constitui um sacrifício quando se trata de alguém com escuros débitos de consciência”.

SÉRIE PERSPECTIVAS DA SOBREVIVÊNCIA 4 - A JUSTIÇA QUE EDUCA

Walter Barcelos

A Lei de Justiça de Nosso Pai, por mais dura, é toda para o bem essencial das criaturas. Se não houvesse a Justiça Divina, muito dificilmente os Espíritos se corrigiriam, se reformariam, se educariam e se aperfeiçoariam na senda do Bem, do amor ao próximo e enriquecimento das virtudes. À medida que vamos penetrando nos mistérios das Leis Divinas, passamos a reconhecer o grande amor de Deus: o cuidado, o carinho e a dedicação que Ele tem com todos seus filhos. Jesus, o Divino Orientador da evolução humana, encarnou entre nós para que aprendêssemos o verdadeiro amor, a fim de transformarmos profundamente a vida social da Terra, implantando nela o Reino de Deus. Continuemos estudando o maravilhoso livro "O CÉU E O INFERNO", na 1ª Parte, capítulo VII, no item Código Penal da Vida Futura.

1- "Espíritos há mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto insulamento no espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como do destino que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas tanto mais pungentes por não lhes entreverem um termo". Allan Kardec (C.I.-1º Parte, capítulo VII - C. P. V. F. 25º)

O Espiritismo não nega os lugares de grandes sofrimentos no Mundo Espiritual; ao contrário, confirma-os e revela-os com toda a sua realidade na consciência de cada Espírito culpado, nas criações tenebrosas de suas mentes torturadas, no psiquismo enfermo de todo Espírito que somente viveu e consumiu energias na prática do mal, dos vícios e no prazer de fazer os outros infelizes. Cada Espírito colherá, após a morte do corpo, os resultados exatos de suas más ações e transgressões das leis de Deus. O Espírito necessita receber em si mesmo os frutos amargos de seus crimes e crueldades impingidas aos familiares, amigos e inimigos. O Espírito culpado precisa sentir na própria intimidade toda a força negativa do mal que infligiu ao próximo, para que um dia possa começar a entender quanto é destrutiva e improdutiva a prática do mal. Somente por meio desse processo educativo de muita dor

e desequilíbrio o Espírito rebelde e recalcitrante, um dia, se cansará das imperfeições, se arrependerá e sentirá a vontade sincera de buscar o caminho do Bem.

2 - "Para o criminoso, o presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel". Allan Kardec (C.I.- 1º Part.,cap. VII - C. P. V. F. 24º)

Pela palavra criminoso não devemos entender somente aquele que tirou a vida física de alguém ou que levou uma pessoa ao suicídio. Existem muitos crimes na Terra que nem sonham os homens ser crimes perante as Leis de Deus. Toda ação premeditada, calculada, estudada e aplicada nas sombras e no momento justo, com o intuito de prejudicar a vida e a paz do próximo, é um crime que merece a cobrança justa. No Mundo Espiritual, deparamos sempre, mesmo que não queiramos, com as vítimas de nossas más ações e crimes, nos acusando, nos cobrando e nos lançando suas imprecações e maldições incessantes. Defrontaremos também a visão constante e repetitiva das cenas tristes e amargas das perversidades praticadas contra os que não amamos ou odiamos na existência corpórea. O remorso é fogo arrasador que sempre se

recompõe e fortalece na fornalha da consciência culpada, quanto mais cresce o arrependimento dos crimes cometidos, estimulado pelas acusações, os ímpropérios e os lamentos rancorosos de nossas vítimas, acrescido ainda das vibrações negativas de todos os Espíritos inferiores que não simpatizam conosco.

3- "Para o orgulho relegado às classes inferiores, é suplício ver acima dele colocados, cheios de glória e bem-estar, os que na Terra desprezava". Allan Kardec (C. I. - 1ª Parte - cap. VII - C. P. V. F. 262)

Na Terra, infelizmente o orgulhoso ainda tem o seu poder, a sua força, o seu domínio, a sua arrogância, o seu desprezo ao próximo e sua tola vaidade. Contudo, após a morte do corpo, o Espírito, retornando à Pátria da Verdade, passa a enfrentar a nudez da alma e da consciência. Começa a perceber sua pobreza íntima, sua miséria moral e sua enorme deficiência de mérito, simpatia e gratidão por parte daqueles que ficaram na Terra. No Plano Espiritual, não é mais que um simples figurante, uma individualidade se debatendo com as próprias sombras, na inquietação desequilibrada da revolta e insensatez. Alma vazia dos tesouros do Espírito, expõe de forma patente as suas misérias do coração, por preferir, na vida corpórea, mostrar-se superior, dominador e com maiores direitos que outros. Deu sempre preferência às atitudes e ações de desprezar e perseguir, criticar e condenar, ferir e massacrar aqueles com quem conviveu. Coloca-se naturalmente no Mundo Espiritual entre os Espíritos de classes inferiores, convivendo com multidões de almas ignorantes e rebeldes, alienadas e complexas, alimentando incessantemente as vibrações psíquicas grosseiras e enfermigas. Vê, bem acima dele, em boas condições de

paz e felicidade, todos aqueles que desprezou e tiranizou, feriu e espezinhou, os quais souberam dignificar o Bem e a vedações da existência terrestre.

4- "O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos, sem que os possa ocultar ou dissimular...". Allan Kardec (C.I 1ª Parte - cap. VII - C. P. V. F. 26º).

O hipócrita é habil dissimulador dos sentimentos, qual uma serpente oculta nas sombras do fingimento, espreita suas vítimas para atacar e ferir, perseguir e ludibriar, mentir e enganar, falsear e conquistar seus mesquinhos interesses. No Mundo Espiritual, depois da morte do corpo, a realidade é bem outra. O hipócrita não conseguirá esconder nada de ninguém, pois seus pensamentos e desejos são expostos em grandes imagens na tela mental, como paisagem panorâmica visível a todos. Mostra os mais secretos pensamentos diante daqueles que fez tudo para enganar e dominar. Não tem como justificar e defender diante dos familiares e amigos a quem muito mentiu e fez sofrer. Por todo os lados aonde vá, sentirá a vergonha e o fracasso, o desencanto e a frustração. Procurou sempre enganar os semelhantes; agora percebe que realmente enganou a si mesmo.

5- "O sensual, na impotência de os saciar, tem desejos e tentações...". Allan kardec (C. I.- 1ª Parte - cap. VII - C. P. V. F. 26º)

O homem e a mulher escravizados às inquietações sexuais, aos desejos carnis, aos amores passageiros, às viciações do instinto sexual, conquistas apaixonadas seguidas de traições, às promessas amorosas não cumpridas, encontrarão na vida após a morte a impossibilidade de continuar praticando todos os desejos inferiores tal

como o fazia na vida corpórea. Os desejos e tentações, viciações e loucuras continuam a jorrar de sua mente desequilibrada e enlouquecida, porém não têm mais condições de saciar suas loucuras como as praticavam na vida física. Os viciados no sexo, seja na condição de solteiros ou casados, sofrem um desgaste enorme de suas energias espirituais, vindo experimentar enorme debilitação das energias psíquicas, desajustes em seus principais centros vitais e até mesmo deformidades no corpo espiritual. Encontram-se em condições de muito desconforto moral, alienação mental e pesadelos contínuos. Sofrem e se debatem por não poderem conservar e praticar seus desejos inferiores. São Espíritos em lastimáveis condições na vida de além-túmulo.

6 - "...vê o avaro o esbanjamento inevitável de seu tesouro...". Allan Kardec (C.I. - 1ª Parte - cap. VII -C. P.V.F. E 26º).
Aquele que viveu trabalhando somente com

a intenção de acumular riquezas, visando unicamente a sua felicidade egoísta, com total desprezo aos seus semelhantes, depois da morte; observa e sente a inutilidade de todos os seus bens para ser feliz em Espírito. No Mundo Espiritual, permanece em fixação mental, pensando como preservar seus bens e dinheiro. Qual não é o seu desapontamento quando vê que não mais pode esbanjar suas riquezas e se depara assustado e revoltado com seus herdeiros repartindo, gastando e esbanjando todos os seus bens. Quer vigiar, guardar e mantê-los, mas sofre bastante com esse inevitável correr atrás daquilo que não mais fará sua alegria, ficando contrariado com os familiares a repartirem seus bens.

A ilusão de continuar dono autoritário de seus bens materiais e a frustração de não poder manuseá-los aumenta o seu desequilíbrio, sua tortura e sua perturbação.

FONTE
A FLAMA ESPÍRITA

O MUNDO MAIOR E A CIÊNCIA DO ESPÍRITO

“Todas as aquisições da filosofia e da ciência terrestres são flores sem perfume, ou luzes sem calor e sem vida, quando não se tocam das claridades do sentimento”.

“O cérebro é o órgão sagrado da manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana”.

“A crença fiel deve ser lição viva do Espírito de serviço”.

LENDA HINDU E O ESPIRITISMO

Segundo o relato muito interessante de Malba Tahan no seu livro **LENDAS DO DESERTO**, quatro jovens atravessavam certo dia uma floresta. Eram quatro irmãos dos quais três haviam estudado com sábios, com faquires, conheciam a Alquimia e os mistérios secretos de Magia. O outro não possuía conhecimento algum; tudo quanto sabia, aprendera-o no trabalho constante para a obtenção do pão-de-cada dia.

Em meio à jornada, encontraram em pequena clareira aberta na mata, a ossada branca de um leão.

O primeiro, pronunciando frases mágicas, fez com que os ossos se juntassem e formassem o esqueleto do terrível carnívoro. O segundo, por sua vez, usou uma fórmula mágica e o esqueleto encheu-se de músculos, de sangue, de vísceras, reconstituindo o corpo do animal. Quando o terceiro se aproximou dizendo que, se ele pronunciasse uma só palavra seria capaz de fazê-lo mostrar-se em sua total vitalidade de Rei das Selvas, o irmão mais moço, muito tímidamente, fê-los ver quão seria isto temerário: o bravo animal poderia devorar os quatro adolescentes, sem a mínima possibilidade de defesa e socorro. Mas eles, sorrindo, declararam a uma voz: "- E acaso você pensa que não poderemos, com a mesma presteza com que o reconstituímos, fazê-lo voltar a um amontoado de ossos?"

Todavia, o rapaz mais moço, a contragosto dos irmãos mais velhos, insistia em que não prosseguissem na arriscada empreitada. E como não lhe deram ouvidos, pediu que ao menos amarrassem a fera com uma corda a uma árvore próxima.

Uma vez atado firme à corda e esta amarrada à árvore, o terceiro jovem proferiu a sílaba mágica dando vida a um enorme leão! A fera ergueu-se, sacudiu a juba e, abrindo os olhos do longo sono, pôe-se a rugir furiosamente, na tentativa desesperada de romper a corda que o prendia à árvore.

Tomados de terror, os três irmãos, sábios e

sabidos, que conheciam mistérios da Magia e de outras ciências ocultas, que haviam estudado com físicos e mágicos famosos, um a um foram esquecendo as tais frases que desfariam o encanto do leão ressuscitado. E o felino, cada vez mais violento, por pouco não rompia a corda e atacava os moços.

Vendo isto, o rapaz caçula toma de uma flecha e de um arco e, como os pastores de sua aldeia, tendo feito pontaria, acerta em cheio no coração do leão, matando-o instantaneamente. Salvou-se a si e aos seus irmãos mais velhos, sábios e sabidos!

Nossa vida na Terra, não raro, se parece muito com esta floresta. Uma selva obscura, disse Dante Alighieri, o poeta italiano, na Divina Comédia.

Juntos caminham; a ciência, a filosofia e a religião tradicional. O irmão caçula é o Espiritismo que, aliás, não teve, até agora, a devida permissão para ser olhado em pé de igualdade.

Presunçosa, a ciência lhe nega autenticidade; os fatos mediúnicos mais autênticos não passariam de mera ilusão neurótica, de alucinação patológica, os médiuns fraudam, são indivíduos de imaginação exacerbada...

Orgulhosa, a filosofia sequer se digna de citar o nome de Kardec entre os pensadores do século passado. Perdida em elucubrações acerca do ser e do não-ser, não se esquecendo de recomendar ao jovem que goze à tripa forra todos os prazeres, aprovei

tando o instante que passa, chegando ao ponto de asseverar (como o fez Jean Paul Sartre) ser a vida uma paixão inútil. A filosofia não leva em conta a contribuição do Espiritismo em seu aspecto filosófico sobre o porquê da vida, a razão da dor, a explicação das desigualdades sociais e os mistérios da morte.

Cheias de si, as religiões tradicionalistas, fazendo, não raro, o comércio das coisas santas, remetem seus fiéis para o céu e destinam para os quintos do Inferno tantos quantos não rezam por seus catecismos oficiais. Quanto ao Espiritismo, seria tão somente artimanhas de Satanás, sortilégios do Diabo, coisas de Belzebu!...

Eis que então somos chegados a uma encruzilhada na floresta do mundo. Há jovens insatisfeitos e expressam esta insatisfação através de atos violentos e de uma conduta estranha, extravagante mesmo. Há jovens desorientados e demonstram esta desorientação no uso abusivo de tóxicos. E não são apenas os jovens que estão insatisfeitos e desorientados, não! Há insatisfação e desorientação também na alma, no coração, na mente de muitos adultos. Aí vemos as ações terroristas, as práticas de atentados, de seqüestros, de assaltos, de violência. Os templos religiosos se fazem vazios. A ciência inventa a bomba de nêutrons. A filosofia prega a libertinagem em nome da liberdade.

E há os que sofrem dores físicas e padecem angústias morais, sobrecarregando os médicos do psiquismo, eles mesmos, às vezes, com dolorosas dúvidas existenciais, incapazes de socorrer tantos quantos querem vislumbrar, ao menos ao longe, uma nesga de esperança no céu escuro de seus íntimos padecimentos e de suas recônditas indagações!

Ruge furioso, o leão do materialismo, do orgulho, do egoísmo, numa palavra, da igno

rância das Leis de Deus. Ruge dentro de nós, querendo estraçalhar os anseios espirituais, querendo derrotar os impulsos para o Bem, na construção de algo mais nobre, mais belo, mais puro, algo de superior.

Debalde a ciência talvez se esforce por aniquilar-lhe as forças. . . Em vão a filosofia se empenha por amortecer-lhe os ímpetos de destruição... Inutilmente as religiões dogmáticas se interessam em livrar maior número de pessoas de suas garras inexoráveis. . . Por uma razão muito simples - faltam-lhes a base, o fundamento, a lógica de explicações claras e simples das Leis de Deus, coisa que o Espiritismo vem fazendo desde Kardec aos nossos dias anunciando ao homem que a felicidade existe e pode ser vivida aqui na Terra, a despeito de nossas imperfeições, desde que elejamos por roteiro de vivência os ensinamentos de Jesus.

Restabelecendo a pureza genuína da excelsa Moral do Cristo, o Espiritismo consegue matar este leão de descrença e de orgulho, de vaidade e de egoísmo que teima em rugir no coração humano. Conhecer então esta doutrina é caminhar ao encontro da paz. É marchar em busca da luz. É contribuir na construção de um mundo melhor. E de uma Humanidade mais feliz!

Uma vez abraçando a Causa Espírita, convém que se lhe seja coerente. Muitos companheiros chegam ao Espiritismo e não se desvencilham de umas tantas idéias e práticas de suas seitas anteriores. Vai daí o fato (que ainda vemos) irem tais companheiros ao padre para batizar seus filhos, com receio de que, se não o fizerem, o filho ficará pagão. . . Irem à Igreja para casar a filha adolescente para dar assim, uma satisfação social. . . Outros, por mais incrível que pareça, chegam a querer que a Casa Espírita faça tais solenidades, quando na realidade nada disto tem cabimento de modo algum num Centro Espírita. Que um católico

batize seus filhos, ou que um umbandista acenda velas para as almas - tudo bem! Estão de acordo com os postulados de suas crenças individuais e nós respeitamos o direito que eles têm de assim proceder. Só que isto não pode ser praticado por um companheiro nosso que se diga espírita porque isto não é abonado pela Doutrina.

Se deseja invocar as bênçãos de Deus para um filho que nasça ou que vai casar-se, uma prece em sua residência teria o efeito desejado, sem dar com isto ensejo a que seja desfigurada a imagem do verdadeiro Espiritismo!

FONTE

"VAMOS MATAR A MORTE", João Duarte de Castro, "CAMINHOS DA LUZ".

RECOMENDAÇÕES OPORTUNAS

“É razoável sugerir-se uma divisão entre os conceitos de “família” e “parentela”. O primeiro constituiria o símbolo dos laços eternos do amor, o segundo significaria o cadinho de lutas, por vezes acerbos, em que devemos diluir as imperfeições dos sentimentos, fundindo-os na liga divina do amor para a Eternidade. A família não seria a parentela, mas a parentela converter-se-ia, mais tarde, nas santas expressões da família”.

“A manifestação da fé não se limita a simples afirmação mecânica da confiança. O homem que vive mentalmente, visceralmente, a religião que lhe ensina a senda do Bem, está em atividade intensa e renovadora, recebendo, por isto mesmo, as mais fortes contribuições de amparo espiritual, porquanto abre a porta viva da alma para o socorro de mais alto, através da oração e da posição ativa de confiança no Poder Divino”.

Atenção!

Todas as frases apresentadas ao final das matérias deste número foram extraídas de obras psicografadas pelo médium F. C. Xavier.

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO."**

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção **JUVENTUDE** para encontrar o esclarecimento que Você procura.

JUSTIÇA DIVINA

"Num acidente que envolveu várias pessoas, que viajavam num veículo, só um jovem morreu, quando estavam indo para um passeio. Seus pais estão inconformados e, ora põem a culpa em um, ora em outro. Dizem que não podem aceitar que Deus tenha reservado essa triste sorte para seu filho..." (B.B.L. - S. Paulo)

Fatos como esse acontecem sempre. Suponhamos dois jovens, A e B, viajando num veículo que vem a capotar na rodovia. Com o acidente, o primeiro vem a falecer instantaneamente, o outro jovem se salva com alguns poucos ferimentos. Os pais de B, após o susto, dirão: "Deus foi muito bom conosco; salvou nosso filho. Poderia ter morrido, mas não morreu. Foi a mão de Deus que o amparou naquele momento!" E os pais de A o que vão dizer? Se forem pessoas equilibradas e resignadas, certamente, dirão: "Coitado de nosso filho! Tão bom! Mas Deus o levou. Não podemos fazer mais nada. Temos que respeitar a Sua vontade". Se forem revoltadas, exclamarão: "Por que nosso filho? Por que isso aconteceu justamente conosco? Por que Deus permitiu que isso acontecesse? Que injustiça! era um rapaz tão bom!... Deus não poderia tê-lo amparado? Não amparou o outro?" Momentos de alívio para uns e de

grande sofrimento para outros, situação que qualquer um de nós pode ter que enfrentar ainda. Por que só A morreu? Os ateístas explicam que todo acontecimento da vida se deve a causas próximas. Não existe Deus, não existe Espírito. Nascemos e vivemos uma única existência, para nunca mais. No caso, o que determinou a morte foi a alta velocidade do carro, ou a falta de atenção ou de habilidade no volante, ou um defeito mecânico, etc. Mas por que faleceu um e não o outro, se os dois estavam juntos? Bem, obra do acaso - dirão eles - sorte de B e azar de A, a vida tem essas surpresas; poderia ter sido B, mas o acaso determinou que fosse A. Neste caso, como conceituar a vida? Existe justiça? Se a vida não tem um sentido maior que simplesmente viver uma única existência, sem perspectiva do futuro, para que servirá? De que servirá tudo o que passamos, tudo o que ensinamos e aprendemos, todas as afeições conquistadas, todas as realizações, sonhos e ideais, se, num minuto, como diz Kardec, tudo se transforma em nada e tudo se acaba de vez? Todavia, um espiritualista dirá: "Fulano morreu porque esta é a vontade de Deus; da mesma forma se explica porque o outro está vivo. Se Deus quisesse, teria morrido B, mas Ele não quis; por isso foi A quem morreu. Se foi um crente e rendeu seu culto ao Senhor, certamente se salvará;

JUVENTUDE

se não teve fé, nem cultuou determinada religião, com certeza vai para o inferno eterno". Que decepção! Deus decide e pronto! Nós, que somos os protagonistas da história, não temos nenhuma participação nisso e temos simplesmente que nos conformar. É quando surge a revolta. Para que tanto esforço, se Deus tem outros planos para nós, planos dos quais não temos a menor idéia, e Ele decide sozinho qual vai ser o nosso destino? Qual é o nosso valor nesse contexto, se estamos fora de todas as decisões? Onde a livre-arbítrio? Entretanto, o espírita, diante do caso em questão, vai dizer: "A não morreu por acaso e nem foi por acaso que B se salvou. Também o que aconteceu não foi simplesmente porque Deus disse ,por mero capricho, "eu quero assim". Existem leis que regem os destinos do homem, segundo as quais, cada um caminha com suas próprias pernas e com seu próprio esforço. Todos temos participação em tudo que nos acontece. Existem causas que determinaram a morte de um e a salvação do outro, causas que podem advir de vidas passadas ou desta mesma existência, mas que, de qualquer forma, atribuem a cada qual a responsabilidade pelo que lhe acontece. Somos nós que conduzimos nossa vida e, por gozarmos de liberdade de decisão, temos méritos e culpas naquilo que nos acontece. O que se passa conosco hoje se explica pelo passado e o nosso futuro". Qual dessas posições é a mais condizente com a justiça e o amor de Deus? Certamente os pais desse jovem, o único que veio a desencarnar no acidente, precisam ser orientados dentro destes postulados, pois a Doutrina Espírita nos apresenta uma concepção perfeita de justiça, que nos ajuda a compreender os obstáculos e os problemas da vida, resignando-nos com aquilo que, presentemente, não podemos mudar. Só uma ampla visão da vida nos pode levar a uma

compreensão mais profunda de Deus.

JESUS E A BÍBLIA

Não posso entender como o Espiritismo fala de Jesus, se os espíritas não aceitam a Bíblia como a palavra de Deus. Nesse caso, os espíritas só procuram na Bíblia aquilo que lhes interessa e, portanto, não podem criticar as outras religiões dizendo que elas fazem a mesma coisa... (Marcus Vinicius P. Brejon - Marília -SP)

Primeiramente, queremos dizer ao prezado leitor que o Espiritismo não tem a pretensão de promover guerra religiosa, nem tampouco discriminar ninguém que pensa de maneira diferente . A Doutrina Espírita, desde a sua constituição, em abril de 1857, é muito clara quanto ao respeito que tem em relação a toda e qualquer religião responsável, de pessoas sinceras e crentes. Apenas que o Espiritismo tem a sua própria maneira de ver e interpretar o mundo, a partir das verdades que já pôde auferir de suas observações e pesquisas. E como respeita a todas as crenças sinceras, também quer que a sua Doutrina seja igualmente respeitada. Assim, os espíritas - aqueles que conhecem a Doutrina e não os outros - respeitam e se interessam pela Bíblia, mas não fazem a mesma leitura da Bíblia que o comum das religiões, porque tudo que compulsa e examina, sem exceção, o faz primeiramente pelo critério da lógica e do bom senso. As religiões bíblicas partem de um princípio de fé, segundo o qual a Bíblia é a palavra de Deus e, portanto, não pode ser contestada, enquanto que o Espiritismo parte do princípio de que tudo, absolutamente tudo - e nisso estão igualmente as obras espírita - deve ser visto, examinado e passado sob o crivo da razão, e só, depois de compreendido, se tornar objeto de fé. Portanto, são formas bem diferentes de tratamento, do que resulta visões diferentes dos conteúdos bíblicos.

A FAMÍLIA COMO INSTRUMENTO DE REDENÇÃO ESPIRITUAL (Conclusão)

Hermínio C. Miranda

Quando a paixão insensata leva dois seres literalmente à loucura e à irresponsabilidade, tornam-se imperiosas existências em que o relacionamento familiar se desenvolva em planos de maior seriedade e de mútuo respeito, para que os Espíritos eduquem seus sentimentos e aprendam a controlar impulsos que levam a desatinos. Dessa maneira, podem renascer na condição de pai e filha ou de mãe e filho ou como irmãos consangüíneos, casais que se entregaram em existências anteriores aos desvarios da paixão.

É de esperar-se, em tais casos, desajustes mais ou menos graves e até mesmo recaídas lamentáveis, mas, sem dúvida, a lei divina armou condições propícias ao reequilíbrio emocional que se perturbara.

- Quando Freud formulou a doutrina psicanalítica dos complexos de Edipo e de Eletra para caracterizar distorções no relacionamento mãe/filho ou pai/filha, nem suspeitava de que estava tocando num aspecto carregado de implicações reencarnacionistas, mesmo porque ele jamais admitiu o Ser humano como um Espírito imortal e preexistente. Não há dúvida, porém, de que situou adequadamente no contexto da família, problemas graves que soube identificar e catalogar, ainda que não tivesse como formular propostas adequadas à solução, ou à sua correta interpretação.

Após viverem uma ou mais existências como irmão/irmã, ou filho/filho, ou pai/filha, os Espíritos arrastados anteriormente a situações equívocas terão melhores condições de encontrar um nível adequado de equilíbrio e serenidade para suas emoções exaltadas. É no âmbito da família que tais experimentações e aprendizados se realizam.

E, por isso, é também ali que se armam situações algo traumáticas, ou pelo menos tensas, criadas pelo relacionamento difícil entre Espíritos que ainda não se harmonizaram. Como poderia fazê-lo sem uma aproximação mais íntima, quase obrigatória, como a que ocorre no círculo familiar? É ali que se vêem como parentes, sob uma nova óptica, antigos desafetos tidos por irreconciliáveis. É ali que os casais recebem filhos difíceis que lhes cumpre reorientar e cujo afeto e respeito lhes cabe reconquistar, para que um dia haja entre eles um relacionamento fraternal.

Constitui grave equívoco, por outro lado, receber tais Espíritos, ainda rebeldes e compreensivelmente magoados conosco, apenas para cumprir um desagradável dever, com a intenção de nos “livrarmos” deles para sempre e o quanto antes. Não é essa a atitude sugerida pela moral cristã que o Espiritismo adotou como sua. O trabalho que nos incumbe realizar junto do Espírito que,

por nossa culpa, foi gravemente prejudicado, é o de reparação, o de pacificação, o de recuperação de seu afeto para que siga convivendo conosco aqui e alhures no Universo, mas em paz, convertido em amigo e companheiro de jornada evolutiva, pois irmãos já o somos, repetimos, desde que criados.

— *Reconcilia-te com o teu adversário — advertiu o Cristo — enquanto estás a caminho com ele.*

E não é precisamente no círculo aconchegante da família que estamos a caminho com aquele que a nossa insensatez converteu em adversário?

O Espiritismo coloca, pois, sob perspectiva inteiramente renovada e até inesperada, além de criativa e realista, a difícil e até agora inexplicável problemática do inter-relacionamento familiar. Se um membro de nossa família tem dificuldades em nos aceitar, em nos entender, em nos amar, podemos estar certos de que tais dificuldades foram

criadas por nós mesmos num relacionamento anterior em que as nossas paixões ignoraram o bom senso.

— **E a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, donde se origina?** perguntou Kardec aos seus Instrutores (LIVRO DOS ESPÍRITOS, Pergunta 389)

— *São Espíritos antipáticos que se adivinham e reconhecem, sem se falarem.*

O ponto de encontro de muitas dessas antipatias, que necessitam do toque mágico do amor e do entendimento, é a família consanguínea, célula de um organismo mais amplo que é a família espiritual, que por sua vez, é a célula da instituição infinitamente mais vastas que são a família mundial e, finalmente, a universal.

A Doutrina considera a instituição do casamento como instrumento de “progresso na marcha da Humanidade” e, reversamente, a abolição do casamento como “uma regressão à vida dos animais”. (Questões 695 e 696, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS). Como vimos há pouco, é também essa a opinião dos cientistas especializados responsáveis. Ao comentar as questões indicadas, Kardec acrescentou que — *“O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas”*.

No que, mais uma vez, estão de acordo estudiosos do problema do ponto de vista científico e formuladores e divulgadores da Doutrina Espírita.

Isto nos leva à delicada questão do divórcio, reconhecido como uma das principais causas desagregadoras do casamento e, por extensão, da família.

O problema da indissolubilidade do casamento foi abordado pelos Espíritos, de maneira bastante sumária, na Questão nº 697. Perguntados sobre se **“Está na lei da Natureza, ou somente na lei humana a indissolubilidade absoluta do casamen-**

to”, responderam da seguinte forma:

— *É uma lei muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis.*

O que, exatamente, quer dizer isso?

Em primeiro lugar, convém chamar a atenção para o fato de que a resposta foi dada no contexto de uma pergunta específica sobre a indissolubilidade absoluta. Realmente, a Lei Natural ou Divina não impõe inapelavelmente um tipo rígido de união, mesmo porque o livre arbítrio é princípio fundamental, direito inalienável do Ser humano. “*Sem o livre arbítrio* — consta enfaticamente da Questão nº 843 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS — *o homem seria máquina*”.

A Lei Natural, por conseguinte, não iria traçar limites arbitrários às opções humanas, encadeando homens e mulheres a um severo regime de escravidão, que poderá conduzir a situações calamitosas em termos evolutivos, resultando em agravamento dos conflitos, em lugar de os resolver, ou pelos menos atenuá-los.

Ademais, como vimos lembrando repetidamente, o Espiritismo não se propõe a ditar regras de procedimento específico para cada situação da vida. O que oferece são princípios gerais, é uma estrutura básica, montada sobre a permanência e estabilidade de verdades testadas e aprovadas pela experiência de muitos milênios. Que dentro desse espaço se movimente a criatura humana no exercício pleno de seu livre arbítrio e decida o que melhor lhe convém, ante o conjunto de circunstâncias em que se encontra.

O casamento é compromisso espiritual previamente negociado e acertado, ainda que nem sempre aceito de bom grado pelas partes envolvidas. São muitos, senão maioria, os que se unem na expectativa de muitos anos de turbulência e mal-entendidos porque estão em débito com o parceiro que acolhem, precisamente para que se conciliem, se ajustem, se pacifiquem e se amem ou, pelo menos, se respeitem e estimem.

Mergulhados, porém, na carne, os bons

EDUCAÇÃO

propósitos do devedor. que programou para si mesmo um regime de tolerância e auto-controle, podem falhar. Como também pode exorbitar da sua desejável moderação o parceiro que vem para receber a reparação, e em lugar de recolher com serenidade o que lhe é devido (e outrora lhe foi negado) em atenção, apoio, segurança e afeto, assume a atitude do tirano arbitrário que, além de exigir com intransigência o devido, humilha, oprime e odeia o parceiro que, afinal de contas, está fazendo o possível, dentro das suas limitações, para cumprir seu compromisso. Nesses casos, o processo de ajuste — que será sempre algo difícil mas poderá desenrolar-se em clima de mútua compreensão — converte-se em vingança irracional.

Numa situação dessas, mais frequentes do que poderíamos supor, a indissolubilidade absoluta a que se refere a Codificação seria, de fato, uma lei antinatural. Se um dos parceiros da união, programada com o objetivo de promover uma retificação de comportamento. utilizou-se insensatamente da sua faculdade de livre escolha, optando pelo ódio e a vingança, quando poderia simplesmente recolher o que lhe é devido por um devedor disposto a pagar, seria injusto que a lei recusasse a este o direito de recuar do compromisso assumido, modificar seus termos, ou adiar a execução, assumindo, é claro, todas as responsabilidades decorrentes de seus atos, como sempre, aliás.

A Lei Divina não coonesta a violência que um parceiro se disponha a praticar sobre o outro. Além do mais, a dívida não é tanto com o indivíduo prejudicado quanto com a própria Lei Divina desrespeitada. No momento em que arruinamos ou assassinamos alguém, cometemos, claro, um delito pessoal da maior gravidade. É preciso lembrar, contudo, que a vítima também se encontra envolvida com a Lei, que, paradoxalmente, irá exigir a reparação da falta cometida, não para vingá-la, mas para desestimular o faltoso, mostrando-lhe que cada gesto negativo cria a sua matriz de reparação. O Cristo foi

enfático e preciso ao ligar sempre o erro à dor do resgate. **“Vai e não peques mais, para que não te aconteça coisa pior”**, disse ele.

Não há sofrimento inocente, nem cobrança injusta ou indevida. O que deve paga e o que está sendo cobrado é porque deve. Assim a própria vítima de um gesto criminoso é também um Ser endividado perante a Lei, por alguma razão concreta anterior, ainda que ignorada. Se, em lugar de reconciliar-se, ela se vingar, estará reabrindo sua conta com novo débito em vez de saldá-la.

A Lei Natural, portanto, não prescreve a indissolubilidade mandatória e absoluta do casamento, como a caracterizou Kardec na sua pergunta. Conseqüentemente, a lei humana não deve ser mais realista do que a outra, que lhe é superior; deve ser flexível, abrindo espaço para as opções individuais do livre arbítrio.

Isto, contudo, está longe de significar uma atitude de complacência ou de estímulo à separação dos casais em dificuldades. O divórcio é admissível, em situações de grave conflito, nas quais a separação legal assume a condição de mal menor, em confronto com opções potencialmente mais graves que projetam ameaçadoras tragédias e aflições imprevisíveis: suicídios, assassinatos, e conflitos outros que destróem famílias e acarretam novos e pesados compromissos, em vez resolver os que já vieram do passado por auto-herança. Convêm, portanto, atentar para todos os aspectos da questão e não ceder precipitadamente ao primeiro impulso passional ou solicitação do comodismo ou do egoísmo. Dificuldades de relacionamento são mesmo de esperar-se na grande maioria das uniões que se processam em nosso mundo ainda imperfeito. Não deve ser desprezado o importante aspecto de que o casamento foi combinado e aceito com a necessária antecipação, precisamente para neutralizar diferenças e dificuldades que persistem entre dois ou mais Espíritos. O que a Lei Divina prescreve para o casamento é o amor, na sua mais ampla e abrangente

conotação, no qual o sexo é apenas a expressão física de uma profunda e serena sintonia espiritual. Estas uniões, contudo, são ainda a exceção e não a norma. Ocorre entre aqueles que, na expressão de Jesus, Deus juntou, na imutável perfeição de suas Leis. Que ninguém os separe, mesmo porque, atingida essa fase de sabedoria, entendimento e serenidade, os Espíritos pouco se importam de que os vínculos matrimoniais sejam indissolúveis ou não em termos humanos, dado que, para eles vige a Lei Divina que já os uniu pelo vínculo supremo do amor.

Em suma, recuar ante uma situação de desarmonia no casamento, de um cônjuge difícil ou de problemas aparentemente insolúveis é gesto de fraqueza e covardia de graves implicações. Somos colocados em situações dessas precisamente para resolver conflitos emocionais que nos barram os passos no caminho evolutivo. Estaremos recusando exatamente o remédio prescrito para curar mazelas persistentes que se: arrastam, às vezes, por séculos ou milênios aderidas à nossa estrutura espiritual.

A separação e o divórcio constituem, assim, atitudes que não devem ser assumidas antes de profunda análise e demorada meditação que nos levem à plena consciência das responsabilidades envolvidas.

Como escreveu Paulo com admirável lucidez e poder de síntese.

— *“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”*.

O Espiritismo não é Doutrina do não e sim

da responsabilidade, Viver é escolher, é optar, é decidir. E a escolha é sempre livre dentro de um leque relativamente amplo de alternativas. A sementeira, costumamos dizer, é voluntária; a colheita é que é sempre obrigatória. É no contexto da família que vem desaguar um volume incalculável de conseqüências mais ou menos penosas resultantes de desacertos anteriores, de decisões tomadas ao arrepio das leis flexíveis e, ao mesmo tempo, severas, que regulam o universo ético em que nos movimentamos. Para que um dia possamos desfrutar o privilégio de viver em comunidades felizes e harmoniosas, aqui ou no mundo póstumo, temos de aceitar, ainda que relutantemente, as regras do jogo da vida, O trabalho da reconciliação com Espíritos que prejudicamos com o descontrole de nossas paixões, nunca é fácil e, por isso, o comodismo nos empurra para o adiamento das lutas e renúncias por onde passa o caminho da vitória. Como foro natural de complexos problemas humanos e núcleo inevitável das experiências retificadoras que nos incumbe levar a bom termo, a família é instrumento da redenção individual e, por extensão, do equilíbrio social.

Não precisaria de nenhuma outra razão para ser estudada com seriedade e preservada com firmeza nas suas estruturas e nos seus propósitos educativos.

FONTE

Amorim, Deolindo e Miranda, Hermínio C.; “O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS SOCIAIS”; ed. USE.

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: ESTADO: CEP: